

Grupos Focais Online na Pesquisa em Comunicação: Questões Metodológicas Iniciais a Partir de uma Experiência Prática

Online Focus Groups in Communication Research: First Reflections After a Practical Experience

Grupos Focales en la Investigación en Comunicación: Cuestiones Iniciales Sobre el Metodo a Partir de una Experiencia Practica

*Sílvia Lúcia Duarte Pereira¹
Luís Mauro Sá Martino²*

Resumo: Este artigo delinea algumas das condições e limites da realização de grupos focais no ambiente digital, tomando como objeto empírico seis encontros realizados entre abril e junho de 2020. Parte de uma pesquisa sobre as mídias digitais do Exército Brasileiro, foram realizados virtualmente devido à pandemia de COVID-19. A partir dessa experiência empírica, foram observadas três características principais da realização dos grupos focais online: (1) houve uma perda parcial nas interações, decorrentes da mudança de um espaço físico para a mediação das telas, (2) a atividade da mediadora foi parcialmente dificultada pela diferença de ambiente; ao mesmo tempo, (3) foi possível observar maior facilidade na reunião das pessoas e condução das atividades. Essas questões são exploradas a partir de uma perspectiva metodológica em intersecção com questões epistemológicas da Comunicação.

Palavras-chave: Grupos focais online. Pesquisa em Comunicação. Metodologia.

Abstract: This paper outlines some methodological issues related to online focus groups. Grounded on a set of six online meetings, held between April and June 2020 as part of a research Brazilian Army's social media, the analysis of the methodology has shown three main changes concerning the shift from face-to-face to the online: (1) There was a small loss in the interactions resulting from the change from a physical gathering to screens, (2) the mediator's activity was partially hampered by difference in environment; at the same time, (3) it was possible to observe greater ease in meeting people and conducting activities. These issues are explored from a methodological perspective in Communication epistemology.

Keywords: Online Focus Groups. Communication Research. Research Methods.

Resumen: Este artículo describe algunos aspectos metodológicos relacionados con la práctica de los grupos focales en línea. A partir del estudio de seis reuniones, realizado entre abril y junio de 2020 como parte de una investigación en curso sobre las redes sociales del Ejército Brasileño, fue posible notar tres cambios principales en la transposición del aula a la línea: (1) hubo una pérdida en interacciones, resultado del cambio de un espacio físico para la mediación de pantallas, (2) la actividad

¹ Faculdade Casper Líbero (FCL), São Paulo, Brasil, silvialpduarte@gmail.com

² Faculdade Casper Líbero (FCL), São Paulo, Brasil, lmsamartino@gmail.com

del mediador se vio parcialmente obstaculizada por la diferencia en el entorno; aun que (3) se pudo observar una mayor facilidad para conocer gente y realizar actividades. Estos temas se exploran desde una perspectiva metodológica en la intersección con los temas epistemológicos de la Comunicación.

Palabras clave Grupos focales en línea. Investigación en Comunicación. Metodología.

1 INTRODUÇÃO

Grupos focais estão presentes nos estudos de mídia e comunicação pelo menos desde os anos 1940, quando, ainda de maneira inicial, são utilizados por Paul Lazarsfeld e Robert K. Merton para o estudo da audiência de programas de rádio e da propaganda durante a Segunda Guerra (MERTON, 1986; KITZINGER, 1996). A literatura a respeito já se apresenta consolidada em termos de sua pertinência aos estudos da área. Não por acaso, várias publicações sobre métodos de pesquisa em Comunicação trazem essa técnica, como Lundt e Livingstone (1996) Barros e Duarte (2005), Marques e Rocha (2008) ou Martino (2018).

No entanto, esses textos não levam em conta – e nem poderiam – as transformações metodológicas e práticas decorrentes da pandemia do Coronavírus/Covid-19, assim declarada pela Organização Mundial de Saúde em 11 de março de 2020.

As restrições provocadas pela pandemia tiveram impacto em todos os âmbitos da vida social, e as práticas de pesquisa não são exceção. Nas primeiras semanas, a estipulação de uma “quarentena” interrompeu atividades, parcial ou totalmente, em alguns casos sem perspectiva de retorno. Esse cenário teve impactos imediato nas práticas de pesquisa. Se é possível entender “método” no seu sentido original de “caminho”, não seria errado dizer que a pandemia provocou alterações nas trilhas de estudos, sobretudo, talvez, quando envolviam pesquisa de campo – e dentro das condições materiais e sociais possíveis.

Este texto nasceu de um problema prático: como realizar grupos focais diante da impossibilidade de encontros presenciais, decorrente da pandemia do Covid-19? Trata-se de um questionamento metodológico da pesquisa, em andamento, realizada por uma das autoras do texto (PEREIRA, 2020) sobre a efetividade das mídias sociais do Exército Brasileiro na divulgação de ações da instituição diante do cenário provocado pelo coronavírus, conhecendo a percepção sobre as divulgações das redes sociais do Comando Militar do Sudeste (CMSE), um dos oito Comandos Militares de Área do Exército Brasileiro (EB), durante sua atuação frente a pandemia da Covid-19. O texto também se inscreve em investigações metodológicas desenvolvidas em trabalhos recentes (MARQUES; MARTINO, 2017; MARTINO, 2018).

Uma observação empírica inicial indicava que a maior parte das interações, como “curtidas”, compartilhamentos e comentários, eram feitos por pessoas que já tinham algum

tipo de proximidade ou relacionamento com a instituição. As interações com as postagens partiam sempre das mesmas pessoas, sugerindo alguma dificuldade das redes sociais do CMSE para obter novos seguidores. Esta constatação salientou a necessidade de um maior aprofundamento no conhecimento das características desse grupo, bem como a possibilidade de pensar o que poderia ser de interesse de um público, de mesma composição sócio-etária mas sem relações anteriores com a instituição. Seria necessário observar diferenças e coincidências de suas interações e percepções, definindo assim o que esta pesquisa pretende entender e interpretar.

Para tal, foi planejada a realização de um estudo de grupos focais múltiplos, na medida em que isso poderia evidenciar uma série de atitudes frente as postagens e permitir discussões guiadas sobre a forma e conteúdo, levantando qualitativamente as percepções e suas representações sociais. Grupos focais levam em conta os diversos fluxos interacionais entre os participantes, mediadores e demais envolvidos. Como ressaltam Carla Galego e Alberto Gomes (2005, p. 177), o grupo focal, “comparado a outras técnicas e/ou métodos, proporciona uma multiplicidade de visões e reações emocionais no contexto do grupo”.

Mas como conduzir essa atividade durante o isolamento social provocado pelo Covid-19? A partir da análise dessa experiência, discute-se as condições do procedimento metodológico, sublinhando as adaptações e mudanças para sua realização no ambiente digital, sem relegar as características de interação, fator primordial da técnica, porém adaptando-a ao novo ambiente e suas peculiaridades comunicacionais e de relacionamento entre os participantes.

No que se segue, o texto está dividido em três partes: (1) uma apresentação teórico-metodológica dos grupos focais e as razões de sua escolha para figurar na pesquisa; (2) a descrição e análise dos procedimentos utilizados ao longo das reuniões e (3) as características específicas de sua realização no ambiente virtual. Essas questões são exploradas a partir de uma perspectiva metodológica, em intersecção com questões epistemológicas da Comunicação.

2 A FORMULAÇÃO DO PROBLEMA E A OPÇÃO PELO GRUPO FOCAL

Um “grupo focal” reúne duas categorias sociológicas clássicas, embora o nome nem sempre desperte a atenção necessária para sua compreensão. Mais do que palavras, “grupo” e “foco de interação” são dois conceitos que demandam um minuto a mais de atenção no sentido de dimensionar o resultado de sua justaposição. Sem a pretensão de esgotar ou traçar uma genealogia de qualquer um dos conceitos, vale observar algumas de suas características

relevantes para a noção de “grupo focal”.

Por paradoxal que possa soar, a noção de “grupo”, em “grupo focal”, não se refere ao que se poderia considerar, a partir do senso comum, como um “grupo de pessoas”. Em “Encounters”, Goffman (2013) destaca alguns aspectos dessa diferenciação, que passamos a seguir aqui.

Em linhas gerais, a noção de “grupo” refere-se a um número relativamente pequeno de pessoas vinculadas por características comuns, um conhecimento recíproco mais ou menos amplo e uma convivência intensa que mantém a identidade coletiva mesmo longe da presença uns dos outros. A ideia de “grupo” pode se referir, dessa maneira, a um conjunto de amigos ou parte das alunas e alunos de uma sala de aula: a identidade de cada participante em relação ao todo do grupo se mantém inalterada mesmo quando não estão juntos.

Em um “grupo focal”, entendido procedimento metodológico, isso não acontece: uma vez terminado o momento de pesquisa, não há mais laços unindo os participantes em torno de outros interesses comuns. Mais ainda, a própria reunião de pesquisa não leva em conta senão algumas características comum entre os participantes, deixando de lado outras eventuais semelhanças ou diferenças – a variável que os une, no momento da pesquisa, é aquela relacionada ao tema da investigação.

Trata-se, para adotar a perspectiva mencionada de Goffman (2013), de uma “interação focalizada” -*focused gathering* - mais do que, propriamente, a reunião de um “grupo”: os laços entre os participantes são frágeis e pressupõe sua dissolução após o término da atividade. Nesse sentido, jogando com as palavras, talvez o termo ideal para definir esse tipo de interação não seja propriamente “grupo focal”, mas “encontro focal” na medida em que essa categoria parece refletir mais as características desse tipo de atividade. Não por acaso, Goffman prefere o termo “encontro” à ideia de “grupo”, na medida em que isso define uma interação concentrada e focalizada, mas não permanente. Isso leva ao segundo ponto.

O que significa o “focal” no “grupo focal”? A expressão pode ser entendida no sentido também atribuído por Goffman (1981; 1985) em termos da atenção, ou concentração, exclusiva dos participantes uns nos outros: trata-se não só do “foco” em um assunto, como talvez se poderia imaginar inicialmente, mas, sobretudo, na “interação focada” existente entre todos os participantes. Como visto, em uma atividade desse tipo, a presença de outras pessoas é fundamental para o estabelecimento de uma dinâmica responsável por trazer à tona opiniões e pontos de vista que talvez não aparecessem em uma entrevista individual.

No entanto, para isso acontecer, a presença de outras pessoas na mesma sala não é suficiente: se a presença do outro certamente modifica a atitude e a relação de cada pessoa,

para sair da simples presença e começar a discussão de um tema é necessário que cada indivíduo esteja focado nos outros. Essa interação é o ponto de partida para a construção de uma trama de pensamentos, palavras e discursos responsáveis por caracterizar a dinâmica do grupo. Dessa maneira, o “focal” pode ser entendido não apenas como o “foco” no tema mas, sobretudo, na “interação focada” entre os participantes.

Isso gera uma espécie de acordo tácito entre todas e todos no sentido de prestar atenção à toda conversa, não apenas à sua opinião, partes “mais interessantes” ou favoráveis a seus pontos de vista. Qualquer fator que desvie a atenção dos participantes tende a se tornar um problema em termos da interação com os outros e, portanto, do andamento do grupo.

No grupo focal online, esse tipo de distração em relação às colocações dos outros apresenta-se, inicialmente, como inevitável. Diante de sua tela, em sua casa ou local de trabalho, cada pessoa tem ampla liberdade para focalizar sua atenção nas perguntas ou, a critério de cada um, em outras atividades – embora as câmeras estivessem ligadas, é impossível saber exatamente o que estava na tela de cada uma das pessoas.

A possibilidade de distração sem a devida percepção do condutor(a) do grupo focal é uma dificuldade a ser pontuada nos métodos on-line, visto que por mais comprometido que as/os participantes estejam em cooperar com a pesquisa a versão on-line oferece uma série de “distrações” que o mediador pode não perceber e não tem como evitar, desta forma há a necessidade de estar a todo momento em condições de solicitar as impressões de cada participante fazendo com que todas e todos sintam-se surpreendidos em serem abordados sobre suas impressões e por isso prestem a atenção necessária à discussão em pauta. No caso em questão as/os participantes foram sensibilizados anteriormente sobre os temas da pesquisa e durante o processo sentiam-se parte da discussão o que facilitou o engajamento. Desta forma, quando tiveram dificuldade ou algo que competia com a reunião do grupo, os participantes avisaram da impossibilidade de participar, tal prática possivelmente aconteceu pelas múltiplas reuniões necessárias ao estudo.

A atenção, nesse caso, estava constantemente em disputa não em termos dos turnos de fala ou na exposição de concepções e opiniões, mas, mais ainda, em relação a todos os outros elementos online disponíveis para consulta, que poderiam interferir no processo de interação entre os participantes. A ausência do espaço físico apresenta-se como uma possibilidade de perda – ainda que parcial – das interações. Isso acontece na medida em que a atuação mútua e contínua e estritamente focalizada de uma pessoa na outra é mediada por uma tela que, potencialmente, provê um número infinito de outras distrações – acessar redes sociais, conferir emails, assistir vídeos e assim por diante. Evidentemente não se está sugerindo que

isso aconteceu, mas traz para a reflexão uma possibilidade aberta pela realização do encontro focal no ambiente das mídias digitais.

A discussão sobre a realização de grupos focais online parece datar ainda da primeira década do século XXI. Abreu, Baldanza e Gondim (2009), assim como Schröder e Klering (2009), descrevem um uso desse aporte metodológico via internet utilizando ainda as interações por escrito, sem a utilização de câmeras ou mesmo imagens – no máximo, “emojis” ainda produzidos a partir do teclado. Gabriela Bordini e Tania Sperb (2011) avançam a proposta destacando a realização de grupos focais online a partir da interação síncrona dos participantes como maneira de adaptar os procedimentos de um encontro físico, mas ainda destacando a participação via texto. Há, nesse momento, alguma aproximação entre a noção de “grupos focais” e as “listas de discussão online”, então bastante difundidas no ambiente das mídias digitais. Vale notar, no entanto, que Faria e Oliveira Jr. (2019) também sublinham a realização do grupo focal online a partir de uma participação assíncrona e centralizadas nas interações textuais.

A realização do grupo focal em ambientes digitais preocupou-se não só com a saúde dos participantes, mas levantou também questões sobre as principais características do método levando a questionamentos sobre o procedimento metodológico, todas as etapas para uma boa condução e tabulação das respostas foram observadas, além do fato que as redes sociais permitiram a conexão dos participantes em cidades diferentes sem custos operacionais elevados.

Vale, por isso, detalhar os procedimentos no próximo item.

3 OS PROCEDIMENTOS ADOTADOS

Silva, Veloso e Keating (2014, p. 178) indicam que não há um momento específico para a realização do grupo focal em uma pesquisa, podendo ser elaborado quando a necessidade de encontrar dados a partir da interação se mostrar necessária. Foram realizadas reuniões mensais repetidas três vezes, com periodicidade aproximada de quatro semanas, correspondendo ao começo e agravamento da pandemia e posterior flexibilização do isolamento social – respectivamente, os meses de abril, maio e junho de 2020. As reuniões, portanto, ocorreram em momentos distintos da crise sanitária e da atuação do EB no apoio às providências contra a pandemia.

A técnica do grupo focal mostrou aderência ao tema de pesquisa pela possibilidade de observar a conduta durante os debates dos temas propostos, por permitir a verificação de indícios das percepções dos participantes, a observação das interações entre os membros.

Byers e Wilcox (1991, p. 64), em um amplo estudo sobre as condições de planejamento e execução de trabalho com grupos focais, indicam que esse procedimento metodológico habilita a pesquisadora ou pesquisador a conhecer “dados que não seriam obtidos” a partir de outras práticas.

A utilização do grupo focal como estratégia metodológica está vinculada às demandas específica de cada pesquisa. No caso estudado neste artigo, a perspectiva era conhecer não apenas as opiniões individuais, mas a maneira como se estabelecia uma conversa, mutuamente articulada, a respeito do assunto em pauta. Sobretudo, não se tratava de uma “entrevista em grupo”, mas de provocar uma conversa na qual as opiniões de cada um se referenciassem, de uma maneira ou de outra, pela presença das outras pessoas. Como lembram Camila Borges e Manoel Santos (2005, p. 78), “o emprego do grupo focal, seja em pesquisa, seja em avaliação de programas e projetos, depende tanto dos objetivos almejados, como das potencialidades e limites da técnica”.

Foi definido que esta pesquisa trabalharia com dois grupos distintos: o primeiro era composto de pessoas que conheciam o CMSE, foram escolhidos então descendentes de ex-combatentes, filiados de associações, indivíduos que haviam servido ao EB, voluntários do EB ou PMESP. Estas pessoas frequentavam o CMSE, suas formaturas, palestras e muitas vezes contribuía com atividades, portanto caracterizam-se pela interação física e virtual com o local, e mantiveram sua interação *on line* no isolamento social. No segundo grupo foram convidados pessoas com idades e nível de escolaridade similar ao primeiro grupo porém o contato que haviam travado com a pesquisadora era através de estudos, palestras fora do ambiente militar, desconheciam a rotina da caserna e alguns até tinham uma certa repulsa pelo tipo de ambiente, porém ao serem apresentados ao tema e a possibilidade de deixar suas impressões apreciaram a ideia de poder analisar e contribuir com algo até então desconhecido. O fato de não apresentarem vínculo ou interação prévia com a instituição os credenciava a terem uma visão com um distanciamento.

As características dos participantes eram semelhantes: faixa etária média de 40 anos, todos com formação superior, metade com algum tipo de pós-graduação. O grupo apresenta equivalência sócioeconômica entre seus membros, predominância sessenta por cento do sexo masculino, vinte por cento reside fora da cidade de São Paulo. O comprometimento dos participantes com o objetivo da pesquisa criou uma sinergia e produtividade nas reuniões. Muitas vezes eram trazidos comentários buscados com familiares ou amigos para as discussões pois ao estarem comprometidos com o estudo interagiam com os conteúdos buscando referenciais durante os intervalos das reuniões, enriquecendo a temática destas.

Como lembra Luciana Kind (2004, p. 125), “os dados obtidos, então, levam em conta o processo do grupo, tomados como maior do que a soma das opiniões, sentimentos e pontos de vista individuais em jogo”.

Após a definição do objeto da pesquisa, a mediadora fez uma análise das questões a serem observadas e dos produtos que seriam apresentados e discutidos em cada reunião, de possíveis questões a serem levantadas para iniciar as argumentações e possíveis questões que dependeriam das respostas anteriores para manter o diálogo a respeito dos pontos que pretendia-se observar.

As definições prévias quanto quantidade e periodicidade pretendida até o final do estudo facilitaram a organização. As reuniões foram conduzidas através da plataforma Microsoft Teams, os termos de consentimento enviados por email e pelo aplicativo Whatsapp. Toda a dinâmica do grupo focal adaptada a interações digitais, o que de uma certa maneira enriqueceu o estudo, pois a própria condução da obtenção dos dados estava inserida na realidade do momento de isolamento social – de onde derivam estas questões metodológicas.

A inserção de recursos de interação digital no estudo referente a atividades desenvolvidas durante à pandemia, onde o *home office* foi incentivado, acabou contextualizando com o momento facilitando a compreensão e aderência, porém alguns cuidados precisam ser ressaltados quanto a parte documental, principalmente no que tange os termos de consentimento, já que os mesmos foram assinados e enviados posteriormente via e-mail, durante as reuniões é interessante conversar a respeito destes termos já que a reunião é gravada, desta forma pode-se constatar que os termos foram recebidos, lidos e os participantes estão de acordo com os mesmos.

O grupo focal, considera Latelier (1996, p. 169), permite “construir o campo perceptual do sujeito a respeito de um tema de interesse, no sentido epistemológico, a respeito de um objeto onde sua própria subjetividade está inicialmente sendo estruturada em termos dos conteúdos a compreender”, destacando, além disso, os “padrões de comportamento que dele se espera obter, a partir dessa coordenação inicial dos atos de percepção”.

Definida a realização dos grupos focais, houve um contato telefônico, já que os dois grupos já haviam em momentos e condições distintas tido algum tipo de interação com a pesquisadora, esta, então procurou-os convidando a participar da pesquisa, falando da a proposta de trabalho, a frequência necessária, a quantidade de reuniões pretendidas e o dia da semana. Em um segundo momento foram explicados os detalhes das reuniões, apresentado e obtido o termo de consentimento, viabilizados os acessos e a utilização de plataforma digital. Após apresentação da proposta do trabalho e explicação dos fatores a serem observados, os

integrantes concordaram em participar do grupo focal.

Na primeira reunião, os participantes foram convidados a se apresentarem de forma sucinta, aproximando-os um pouco mais, esta apresentação de forma remota foi para a maioria dos participantes uma novidade e no primeiro momento causou um certo desconforto pois muitos estavam começando a utilizar a plataforma. Após esta primeira parte de integração, seguiu-se a apresentação das atividades pretendidas e dos indícios de interação com as redes sociais a serem apurados. Esta primeira parte da reunião permitiu que a conversa fluísse com maior naturalidade, até porque, tanto para os participantes quanto para a mediadora, a interação digital para o fim proposto era uma novidade.

Na segunda parte da primeira reunião foi exibido o vídeo de cumprimento do Comandante Militar do Sudeste aos integrantes do Comando Conjunto (MENSAGEM, 2020), com duração de 2'14". Após a exibição foram discutidos o conteúdo do material apresentado e como a linguagem e postura retratadas no vídeo eram compreendidas. Esta dinâmica possibilitou aos participantes colocarem suas impressões e, principalmente, interagirem sobre os comentários uns dos outros, fazendo colocações diversas sobre o tema de forma descontraída. Ainda nesta reunião foi mostrado o acesso ao *hotsite* do Comando Conjunto do Sudeste (OPERAÇÃO, 2020), onde todos puderam expor suas impressões, quanto a forma do site e as publicações que lá se encontravam. As conversas transcorreram de forma participativa e colaborativa. Os participantes deixaram transparecer as impressões e enriquecendo as observações sobre a linguagem do material apresentado.

Transcorridas quatro semanas, era o momento do segundo encontro. Os participantes de cada grupo já se conheciam da reunião anterior e não houve apresentações. Também tinham maior referencial sobre a condução da reunião. O vídeo exibido na oportunidade (60 DIAS, 2020), apresentava uma linguagem jornalística e descrevia as atividades realizadas nos então sessenta dias da operação, mostrando as várias abordagens que a instituição faz para divulgar suas atividades. A linguagem jornalística deste segundo vídeo trouxe um maior número de comentários, pareceu ser mais prazerosa para ambos os grupos. A gravação em movimento, o espaço aberto, claro e a postura jornalística, além da apresentação das atividades que estavam sendo desenvolvidas de forma transparente demonstrando a preocupação em informar a população.

A flexibilização do isolamento social, em junho de 2020, marcou o terceiro encontro. Para esse momento, foi pedido que observassem as postagens acrescentando o Instagram e Facebook – o que para o grupo dos seguidores habituais era um pedido redundante, pois ao longo de todo o processo eles continuaram interagindo com as redes sociais.

Percebeu-se que os integrantes estavam mais dispersos, talvez por estar novamente passando por adaptações em sua rotina, estar voltando às atividades externas. Eles comentaram sobre suas considerações a respeito das redes sociais, pois ao final do segundo encontro foi solicitado que observassem as redes sociais sem a preocupação de direcioná-los para alguma mídia ou publicação específica. O objetivo era que comentassem sobre o que mais os afetou; se preferiam alguma mídia social em especial, alguma linguagem os sensibilizaria todas estas impressões seriam fundamentais para análise final da pesquisa proposta.

Nesta oportunidade, foi feito um agradecimento pela cooperação e comprometimento com as atividades proposta. Alguns integrantes no dia seguinte agradeceram e se retiraram do grupo de Whatsapp que servia como comunicação das atividades, outros sugeriram manter o grupo para conversas futuras sobre assuntos diversos das redes sociais do CMSE.

Com a duração e os múltiplos encontros propostos para a obtenção dos dados a dinâmica realizada durante os três meses pretendia manter o interesse dos participantes nos temas propostos, além de poder analisar várias mídias sociais e linguagens diferentes, por isso em cada encontro eram apresentados produtos diversos.

Durante o período de pesquisa, os participantes do grupo que mantinham contato habitual com o CMSE continuaram com sua interação. Embora sem aumento de interação, o grupo que previamente não visitava as redes sociais em estudo, agregou aos encontros diversos comentários e observações pertinentes aos estudos.

4 VANTAGENS E LIMITES DA INTERAÇÃO MEDIADA

Uma das características de um grupo focal é a interação com outros participantes. A presença do outro, a escuta de sua fala, as respostas, complementos e discordâncias geram uma dinâmica particular à ideia de grupo focal que ultrapassa não apenas uma entrevista individual, mas também uma entrevista coletiva mais aberta.

É exatamente essa perspectiva que os grupos focais se desenvolveram desde seus primórdios: Robert K. Merton (1986, p. 555) destaca a “contaminação” entre os participantes no âmbito do um grupo focal. O autor traça uma série de continuidades e rupturas entre a “entrevista focalizada”, desenvolvida por ele como estratégia metodológica ainda nos anos 1950, e os grupos focais. Como ponto comum, está a interação mútua como traço fundamental dessa técnica, sobretudo quando se pensa na possibilidade de abertura – dentro da pluralidade de aportes presentes – para o surgimento de novas temáticas.

Não por acaso, Southwell, Blake e Torres (2005) indicam como vantagens dos grupos

focais a geração mútua de ideias entre os participantes decorrente de sua interação, ao mesmo tempo em que permite a manifestação de vozes que, de outra maneira, não seriam ouvidas. O grupo focal se pauta, dessa maneira, na presença e interação entre os participantes, e as intervenções de cada um podem provocar deslocamentos nas opiniões, surgimento de outros pontos de vista, acirramento ou suavização de opiniões e posicionamentos.

Esse elemento “artificial” dos grupos focais, ainda mais quando desnaturalizados, em termos espaciais, pela ocorrência em um ambiente online, é destacado, por exemplo, por Puchta e Potter (1999, p. 318): “Como um grupo focal pode ser simultaneamente focado e mais ou menos espontâneo e natural?”. A “naturalidade”, respondem, é parcial, e está localizada no momento das interações entre os participantes, ainda que definidas previamente pelo moderador.

Essa transformação no espaço parece agir diretamente nas interações entre os participantes do grupo focal, fazendo com que a “contaminação” mútua das respostas, indicada por Merton (1986) continue a ocorrer, mas dentro de um cenário no qual as limitações são constantemente visíveis – diante de cada pessoa estão outras, sem dúvida, mas na tela.

Foi possível, a partir disso, ter uma dimensão mais nítida a respeito das postagens nas redes sociais do CMSE e permitiram uma observação qualitativa e direcionada sobre a percepção e o levantamento de indícios do posicionamento frente aos assuntos apresentados. A utilização das plataformas digitais tornou o custo acessível e possibilitou reunir um número significativo de participantes. O acesso como “convidado” é de fácil utilização. As interações, traço forte da técnica, não foram prejudicadas pela utilização das plataformas digitais de reuniões, sendo, em certa medida, um facilitador para a condução do processo.

Adriana Duarte (2007), destacando as limitações tecnológicas do início da década de 2000, adverte para as perdas existentes na realização online. Embora a situação tenha se modificado consideravelmente, por exemplo, com conexões de alta velocidade e maior quantidade de dados, também indica a necessidade de uma atenção redobrada do moderador para atuar nas discussões virtuais. Ao mesmo tempo, a digitalização dificulta às conversas paralelas permitindo que todos escutem todos de forma atenciosa durante toda a reunião.

É possível notar, ao mesmo tempo, também que se perde um pouco em espontaneidade, interações pontuais e até mesmo troca de expressões faciais e olhares. Quando realizado presencialmente, os integrantes do grupo têm a possibilidade de interagir entre si, comentando impressões deixadas por outros, enquanto na interação mediada há uma maior dificuldade e muitas vezes a impossibilidade da percepção dessa linguagem. Além

disso, destaque-se o fato do ambiente onde cada participante encontra-se ser uma possível distração – procurando diminuir seu impacto no trabalho, foi solicitado aos participantes que deixassem suas câmeras ligadas, se não o tempo todo, ao menos enquanto cada um estivesse fazendo sua colocação

Se, como lembra Goffman (1985), a simples presença do outro, ainda que sem um foco específico, costuma ser suficiente para mudança de atitude de uma pessoa, ainda que em escala mínima, a interação constante, em um ambiente artificialmente preparado para isso e na presença de um mediador tende a gerar um tipo de interação dinâmica de discussão entre os participantes que não ocorreria fora dessas circunstâncias.

Durante a realização do grupo focal online foi possível notar a permanência desse tipo de interação, mas em uma escala limitada às intervenções vocalizadas e ao que era possível inferir dos gestos e das expressões faciais: mediada por uma tela, enquadrada pelos limites de uma câmera, o “outro” que se via online era fundamentalmente diferente do presencial. Toda a comunicação do corpo, fundamental em termos da dinâmica de uma conversação, era limitada à visualidade da tela.

Birdwhistell (1970) indica que em uma interação social, os posicionamentos do corpo, aproximações e distanciamentos, gestos, expressões faciais espontâneas e movimentos são um índice fundamental para a compreensão efetiva da outra pessoa – há toda uma expressividade decorrente da presença em um mesmo espaço que passa a ser consideravelmente limitada na versão online dos grupos focais. Mesmo com todas as câmeras em funcionamento e, portanto, com a possibilidade presumida de visibilidade dos rostos e de alguns dos gestos, trata-se em última instância de olhos percorrendo os pixels de uma tela, não de uma interação localizada em um espaço.

Vale, ainda nesse aspecto, evocar uma perspectiva trazida por Lucrecia Ferrara (2018) em relação às formas comunicativas do espaço. Mais do que um “contexto” ou um “lugar”, o espaço também comunica, define e é definido no âmbito das relações que o constituem, bem como aquelas traçadas pelos indivíduos ou coletividades que interagem com ele. O espaço é uma relação produzida na interação entre pessoas e grupos, e seu significado comunicacional se espalha ao longo das interações que aí encontram seu lugar.

Portanto, o deslocamento de um espaço físico para o online, no caso dos grupos focais, não significa uma transposição de técnicas, mas uma transformação nas dinâmicas de comunicação existentes na medida em que o espaço singular de realização do grupo focal “presencial” (uma sala, às vezes especialmente preparada para isso) se multiplica, online, nos espaços particulares onde cada um dos participantes está.

A multiplicidade de espaços permite também gerar uma pluralidade de relações entre os participantes moldadas pelas visualidades geradas em cada situação: cada participante do grupo focal online, em sua casa ou local de trabalho, apresenta-se não apenas em relação aos outros, mas também ao próprio ambiente – por exemplo, na escolha de aparecer de maneira mais ou menos formal, ou no posicionamento da câmera em relação ao rosto.

Vale ressaltar a importância do preparo, do conhecimento da técnica e do objeto de pesquisa necessários ao mediador para a boa condução da reunião, sendo peça chave na condução do processo, facilitando, articulando e motivando os participantes para que as discussões transcorram de maneira organizada e participativa, obtendo as ideias, impressões, sentimentos e explicações de todos do grupo.

Em relação a utilização de plataforma digital, foram realizadas simulações antes do início das reuniões – experiência limitada diante da dinâmica das conversas. Como destaca Meyers (2007, p. 99), a atuação do mediador “pode ser necessária para trazer à tona um material que, de outra maneira, não seria dito”, permitindo, com isso, “que os participantes tragam para a discussão elementos sobre os quais não tinham pensado ou falado anteriormente, enfrentem contradições em seus próprios argumentos e oposição dos outros participantes (...)”³. Por sua vez, Quible (1998, p. 29) também destaca o lugar do mediador como figura importante na criação das condições de interação. Para o autor, o moderador deve evitar qualquer tipo de reação aos comentários dos participantes – exceto como forma de formular questões adicionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como lembra Signates (2012), a definição de um estatuto epistemológico para os estudos de Comunicação está entrelaçada com as possibilidades de compreensão da Área em vários aspectos. Neste texto, o recorte incidiu sobre questões metodológicas em um ambiente digital, pensando o grupo focal não apenas como método, mas também como prática de comunicação.

Neste artigo, esse olhar crítico foi endereçado a uma metarreflexão a respeito de uma prática de pesquisa envolvendo o desenvolvimento de grupos focais como parte de um trabalho de mestrado em andamento, realizado por uma das autoras do texto. Se, certamente, esse tipo de aproximação é necessária, abordagens propriamente metodológicas – no sentido

³ “*may be necessary to bring out what would otherwise not be said, so that participants address issues they have not thought about or talked about before, face contradictions in their own statements and opposition from other speakers (...)*”.

de “discussão do método” – podem apresentar contribuições para a reflexão a respeito do pensamento epistemológico da Área: uma crítica epistemológica, no sentido que Bourdieu (1996) confere ao tema, não deixa de comportar também uma dimensão da crítica metodológica.

Após as reuniões, percebeu-se que grupos focais online com múltiplas encontros podem apresentar, como desvantagem, certa falta de aderência dos participantes ao longo do processo. No caso específico por haver um comprometimento com o propósito da pesquisa, o absenteísmo foi pequeno e, até onde se pode saber, alheios à vontade dos participantes. Como os grupos foram formados com 14 componentes, durante todo o processo teve-se número significativo de presentes. A experiência evidenciou que mesmo em um momento incomum como o da pandemia e consequente isolamento social, o uso das plataformas digitais se apresentou como alternativa viável para a realização do grupo focal como obtenção de dados para uma pesquisa, podendo vir a ser uma ferramenta mais utilizada para tal fim.

A análise de um caso metodológico não tem a pretensão de indicar caminhos a seguir, mas compartilhar – mais dúvidas do que respostas – a respeito de uma trilha percorrida, constituída diante das demandas e possibilidades de um momento particular. As práticas metodológicas não se desligam de suas condições de realização, e a exposição, aqui, é um convite ao diálogo sobre a transposição de práticas metodológicas para o ambiente digital – sem deixar de levar em conta as diferenças, desigualdades e condições específicas em que isso é feito e, portanto, seus limites.

REFERÊNCIAS

60 DIAS em 60 segundos. [S. l. : s. n.], 2020. 1 vídeo (2 min.). Publicado pelo canal Comando Militar do Sudeste. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=e8k3IFTwiXM>. Consulta em 16 nov. 2020.

ABREU, Nelsio R.; BALDANZA, Renata F.; GONDIM, Sônia M. G. Os grupos focais online: das reflexões conceituais à aplicação em ambiente virtual. **Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação**, v. 6, n. 1, p. 5-24, 2009.

BIRDWHISTELL, Ray. **Kinesics and context**. Pennsylvania: UPP, 1970.

BORDINI, Gabriela; SPERB, Tania. O uso dos grupos focais online síncronos em pesquisa qualitativa. **Psicologia em Estudo**, v. 16, n. 3, jul./set. p. 437 – 445, 2011.

BORGES, Camila D.; SANTOS, Manoel A. Aplicações da técnica do grupo focal: fundamentos, potencialidades e limites. **Revista SPAGESP**, v. 6, n. 1, p. 74-80, 2005.

BYERS, Peggy Y.; WILCOX, James R. Focus groups: a qualitative opportunity for researchers. **The Journal of Business Communication**, v. 28, n. 1, p. 63-78, 1991.

COMPANHIA, Lorena. Aproximaciones teórico-epistemológicas al problema del método. **La Trama de la Comunicación**, v. 14, n. 1, p. 13-28, 2009.

DUARTE, Adriana B. S. Grupo focal online e offline como técnica de coleta de dados. **Informação & Sociedade**, v. 17, n.1, p. 75-85, jan-abr. 2007.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FARIA, Aline M.; OLIVEIRA Jr, Moacir M. Grupos de foco online assíncronos: uma breve reflexão sobre sua aplicação. **Economia e Gestão**, v. 19, n. 54, p. 194-202, set./dez. 2019.

FERRARA, Lucrécia D'A. **A comunicação que não vemos**. São Paulo: Paulus, 2018.

FIFE, Eric. A Focus Group Activity for the Research Methods Class. **Communication Teacher**, v. 19, n. 1, p. 9-12, jan. 2005.

GALEGO, Carla; GOMES, Alberto. Emancipação, ruptura e inovação: o “focus groups” como instrumento de investigação. **Revista Lusófona de Educação**, v. 5, p. 173 – 184, 2005.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOFFMAN, Erving. **Forms of talk**. Pensilvania University Press, 1981.

KIND, Luciana. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. **Psicologia em Revista**, v.10, n.15, p. 124-136, jun. 2004.

KITZINGER, Jenny. “The methodology of focus groups: the importance of interaction between research participants”. **Sociology of Health and Illness**, v. 16, n. 1, p. 103-121, 1994.

LETELIER, Lilian. Entre os grupos de conversação (group discussion) e as intervenções focalizadas (focus groups): notas metodológicas. **Política e Trabalho**, n. 12, p. 164-174, set. 1996,.

LUNT, Peter; LIVINGSTONE, Sonia. Rethinking the focus groups in media and communication research. **Journal of Communication**, v. 46, n. 2, p.79-98, 1996.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2018.

MARQUES, A. C. S.; MARTINO, L. M. S. Afetividades e vulnerabilidades na relação pesquisador/sujeito pesquisado. In: KUNSCH, Dimas; DIAS, Everton; PASSOS, Mateus. **A compreensão como método**. São Paulo: UniEditora, 2017. p. 37-51.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; ROCHA, Simone Maria. A política a partir das margens: a produção discursiva sobre o Bolsa-Família em grupos de discussão. **Famecos**, n.

32, p.105-117, abr. 2007.

MENSAGEM do Comandante. [S. l. : s. n.], 2020. 1 vídeo (2 min.). Publicado pelo canal Comando Militar do Sudeste. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=1NE6ML8m_44. Acesso em: 16 nov. 2020.

MERTON, Robert. The focussed interview and focus groups : continuities and discontinuities. **Public Opinion Quarterly**, v. 51, n. 4, p.550-566, 1987.

MEYERS, Greg. Enabling talk: How the facilitator shapes a focus group. **Text & Talk**, v. 27, n. 1, p. 79–105, 2007.

MORGAN, David. **Focus Groups as qualitative research**. London: Sage, 1997.
NELSON, James E.; FRONTZAK, Nancy T. How Acquaintanceship and Analyst Can Influence Focus Group Results. **Journal of Advertising**, v. 17, n. 1, p. 41- 48, 1988.

NOBREGA, Danielle O., ANDRADE, Erika dos R. G.; MELO, Elda S. N. **Psicologia e Sociedade**, v.28, n. 3, 2016.

OPERAÇÃO Covid-19. [S. l. : s. n.], 2020. 1 vídeo (2 min.). Publicado pelo canal Comando Militar do Sudeste. Disponível em: <http://www.cmse.eb.mil.br/ccse/index.php>. Acesso em: 16 nov. 2020.

PUCHTA, Claudia; POTTER, Jonathan. Focus groups and the management of spontaneity. **Journal of Sociolinguistics**, v. 3, n. 3, 1999.

QUIBLE, Zane K. A focus on focus groups. **Business Communication Quarterly**, v. 61, n. 2, p. 28-58, jun. 1998.

SCHRÖEDER, Christine S.; KLERING, Luís R. Online focus group: uma possibilidade para a pesquisa qualitativa em administração. **Cadernos Ebape/FGV**, v. 7, n. 2, p. 333-348, jun. 2009.

SIGNATES, Luiz. Epistemologia e comunicabilidade: a crise das ciências ante a perspectiva de centralidade do conceito de comunicação. **Comunicação e Informação**, v. 15, n. 2, p. 133-148, 2012.

SOUTHWELL, Brian; BLAKE, Stephanie; TORRES, Alicia. Lessons on Focus Group Methodology from a Science Television News Project. **Technical Communication**, v. 52, n. 2, p. 187-193, maio 2005.

ZORN, Theodore et al. Focus Groups as Sites of Influential Interaction. **Journal of Applied Communication Research**, v. 34, n. 2, p. 115-140, maio 2006.